

O TRAJO REGIONAL E A MODA

por MARIA EMILIA DE VASCONCELOS

O traje civil e o traje popular atravessam os anos mantendo-se, por assim dizer, em linhas paralelas, em quase todas as regiões. Linhas que não se confundem, embora não raro se influenciem mutuamente num ou noutro pormenor. Mais volúvel, luxuoso e requintado é sempre o traje civil; menos fantasista mas rico de pitoresco e do apego à raiz local é no entanto o traje popular.

Na nossa indumentária regional é curioso procurar e descobrir o tal pormenor que da outra mais ou menos transitoriamente adoptou nesta ou naquela época. Menos vincado, porventura, no fato de festa denominado «à lavradeira»; com maior nitidez nos fatos feitos para a mordomia e o casamento.

São raras, aqui, as gravuras ou pinturas realmente antigas em que, entre o povo agrupado em feiras ou romarias, se consiga colher com precisão os dados da evolução do traje feminino de então. Há mulheres com saias longas, casacos informes, lenços lisos, atados sob o queixo; algumas, por vezes, agasalhadas com compridas mantas ou mantéus... No entanto só a partir de meados do século XIX essas peças se definem melhor; em desenhos, como nas primeiras fotografias e nos primeiros postais editados; os casacos são agora curtos e soltos («chambres»). Nalguns, de bom tecido, já, mercado nas tendas ou nos almocreves, avultam enfeites vários — rendas estreitas, lacinhos de veludo ou franzidos como os dos corpetes das «senhoras de condição»... São porém, em geral, discretamente pretos. A certa altura, apertando o calor, a camponesa prescinde do casaco ou do «chambre», na lida do campo como no regresso a casa — lançando-o às vezes sobre um dos ombros. A descoberto, o colete que, «por compostura», vestia sempre sobre a camisa de linho, ganha importância. É apertado à frente com atilho, ou de trespasse (abotoando geralmente à direita...); e começa a ostentar, em baixo o «rigor» de veludo negro, enriquecido com galões e, depois, com bordados. E o casaco não tarda a ser abandonado de vez.

Parece-me certo que o traje «à lavradeira», pese embora a quem já o acha por demais «visto» em toda a parte (e por demais deturpado, também, noutros meios), é no entanto o mais genuíno — e belo — da nossa indumentária festiva aldeã. Da rudeza primitiva ascende à opulenta policromia da sua feição actual. Fruto de artesanato puro, aproveitando maravilhosamente os recursos da terra, é a prova irrefutável do bom gosto e da imaginação viva das nossas mulheres, que



Trajo «à lavradeira»

(de uma aguarela de Manuel Macedo, do fim do século XIX,
publicada nos «Costumes Portugêses»)

tanto favorece. A partir da saia de tear, sombria ou álaçre, de riscas simples, em lã que não raro se tingia até por processos caseiros. A partir da camisa de linho espesso, fiado na soleira da porta ou à lareira. A partir da meia grossa de algodão, branqueada ao sol, tecida à mão com «ganchos» de ferro.

Estas meias vão sendo pouco a pouco trabalhadas, arrendadas com esmero. Primeiro, apenas do peito do pé a meio do tornozelo — como as das «senhoras», de fábrica. Depois, à medida que as senhoras, encurtam a saia, que quase tocava o chão, e que as mulheres do campo, disfarçadamente, encurtam igualmente a sua, passam estas a trabalhar as meias até ao joelho. E em algumas, lisas, lavram apenas, de cada lado, uma «baguette» vertical — sempre copiando as das senhoras, na altura ...

A sua atenção não descursa entretanto o cuidado dos penteados. Na época da «tournure», que propôs a poupa de caracolinhos minúsculos razando a fronte¹, adiante do lenço a ostentavam, conforme se vê, nomeadamente, num postal de uma das primeiras edições de postais do Bazar Couto Viana, segundo fotografia anterior do profissional José Maria de Mecêgo y Paso. Mais tarde usariam a franja, ou meia franja, sobre a testa, ou os chamados «pesca-rapazes»² que, sobretudo as raparigas de Dem, aí multiplicavam, lustrando-os com azeite. Tudo inspirado pela «moda da cidade» ...

A certa altura adoptaram as senhoras cabeção de renda a debruar o decote dos vestidos. E no decote das camisas de linho um farto folho de renda desabrocha por sua vez. E desaparece, e torna depois, caprichosamente, no correr dos anos. Podemos vê-lo na aguarela da lavradeira, por Manuel Macedo, no livro dos «Costumes Portugêses» editado por Corazzi em 1890; podemos vê-lo ainda na pequena ilustração da capa do «Trajo à Vianêsa» de Cláudio Basto, editado em 1923.

Também dos fins do século XIX à primeira década do século XX surgiu, a espaços, na garridice, uma reminiscência romântica: de volta do pescoço colocavam as senhoras uma fita de veludo ou setim preto, mais ou menos estreita, de onde pendia um medalhão com esmaltes ou pedras, uma cruz lavrada em oiro, ou de azeviche, ou qualquer outro enfeite — e, às vezes, simplesmente rematada por uma rica fivela. Não resistiu a esse fascínio a vaidade campesina; e acima da cascata de oiro que as próprias economias tinham, aos poucos, entornado sobre o seu lenço de peito, passou a ostentar também no pescoço a fita escura, com uma cruz ou medalha de oiro à frente³ ...

Eram bem vincadas, na época, as distâncias sociais; não ousaria uma moça modesta, mesmo usufruindo de certo desafoço familiar, vestir como as burguesas vestiam! Timidamente, apenas copiava essas ninharias da moda «delas». Os próprios objectos de oiro que escolhia

¹ Por 1870-80.

² Depois da Grande Guerra de 1914-1918.

³ Por este tempo ressuscita nos sapatos de sala o laço à frente, no peito do pé; e, na chinela — surge o laço.

eram diversos das suas jóias: arrecadas largas, fusos filigranados, brincos «à rainha», depois, medalhas de libra e meia libra, «custódias», fios de contas oblongas, ôcas, estriadas, ou de contas redondas lisas ou filigranadas, «borboletas» (corações invertidos), corações e cruces, virgens moldadas, «laços», pregadeiras «de três libras»... Apenas os grilhões e cordões, e talvez os «rosiclères», eram usados pelas mulheres dos dois meios diversos.

Por 1870-1880, porém, vemos em qualquer daqueles encantadores figurinos estrangeiros que subsistem ainda nas amplas arrecadações de muitas casas provincianas, que a moda, entre o abandono da saia-balão e o advento da «tournure», adopta uma linha mais escoreita e põe em favor a casaquinha cingida ao busto, muito cintada, bem entretelada, de aba curta (por vezes fendida aos lados ou atrás) e de ombros direitos. É então que as avós e bisavós plebeias das minhotas actuais se atreveram a vestir-se também dentro desse padrão, para os dias grandes da mordomia, na sua aldeia, e no do seu casamento, depois. Trocando as teias de lã do tear pelos tecidos de fábrica, construindo frequentemente com retalhos o que demasiado oneroso seria talharem num corte inteiro, franzindo tirinhas de setim, combinando galões diferentes, emendando pedaços de veludo, e, mais tarde, enriquecendo-os com o recamo das «continhas de luar», ei-las então «aburguesadas», de certa maneira. Embora num estilo próprio. Embora usando sobretudo o negro, nessa indumentária, iluminado no entanto com os lindos lenços de cabeça de seda natural, em tons vivos. Embora mantendo um avental — aliás de veludo! — a lembrar, respeitoso, a diversa condição da dona.

Dando todavia mais um passo de aproximação, consideremos, ainda no século XIX, a variante destes fatos conhecida hoje por «trajo de meia-senhora» ou «trajo de morgada», aludindo sem dúvida à situação de quem o inspirou. Vestia-o a mulher feita que já possuía boa casa, boa lavoura, pessoal por sua conta, fartura de tudo nas arcas. A mesma casaquinha justa, a mesma saia rodada eram já encomendadas em tecidos de cor, lisos ou floridos. Um pequeno saco de mão, suspenso por cordões, substituiu a algibeira à cinta. O guarda-sol pendia-lhe do braço. Sempre no entanto cobria a cabeça com um lenço de seda; e não prescindia de chinelas nos pés...

Mas aconteceu que nas vésperas do novo século a moda mudou muito. Tecidos, enfeites, formas, tudo evoluiu. Então os fatos lindos de mordomia e casamento que não haviam entretanto baixado à terra com as suas donas, falecidas, conforme a tradição, foram atirados para gavetas remotas — banquete para as traças — ou para os baús da cave — a apodrecerem na sua humidade. Ou aproveitados para fins práticos: uma santa mãe de família talhou, no seu, calções para os dois filhos e agasalhos para as duas filhas que tinha. Uma delas lembrava-se bem de ver então os irmãos jogarem à bola com os punhos bordados das sacrificadas mangas da jaqueta!

Volvida a primeira década do século XX não tardou a desabar sobre a Europa a Grande Guerra que revolveria as sociedades. Como

nos outros países, em Portugal facultou-se às mulheres também o trabalho nas fábricas, bem diverso das tarefas caseiras ou agrícolas que antes desempenhavam. As romarias — continuavam. Mas a elas acorriam agora com os «fatos da cidade», banais, e não mais com os «luxos» dos tempos idos. Envergá-los parecia-lhes um desdouro, até, dada a «promoção social» que julgavam ter alcançado. E, menos ainda que os trajos de tear, prezavam os «fatos de velha» —, crismando assim os pretos, de mordomia, que, vinculados ao gosto duma determinada época, com ela se haviam desligado do presente.

Nem apelos, nem remunerações as convenciam a vesti-los, a mostrá-los ainda. Foi então que um presidente da Câmara de Viana, João da Rocha Páris, recorreu às «meninas da cidade» para que, em gesto bairrista, substituíssem nos cortejos das Festas as raparigas das freguesias rurais, desfilando com eles. Foi então que Manuel Couto Viana passeou pelas praias próximas, nos casinos, as próprias filhas com fatos também de trabalho. Foi então que o conde de Aurora não hesitou em misturar igualmente as suas aos grupos recrutados entre os seus trabalhadores de Ponte do Lima ou de Geraz. Foi então que a filha do dr. José Lacerda, da Barca, aqui apareceu a mostrar os desse recanto — acompanhada pelos irmãos que, por seu turno, envergavam as lindas camisas de velho linho maravilhosamente bordadas a miúdo ponto de cruz, com pássaros, ramos e frases de amor ou patrióticas — ou com o escudo nacional e a corôa.

Foi então que esclarecidos colecionadores lograram obter no arredor, por preços mínimos (ou pelo menos ainda acessíveis, depois), belas peças antigas, melhor ou pior conservadas, mas que com devoção cuidaram de restaurar e salvar.

... E foi então que a nova geração das aldeias reparou que afinal as «meninas da cidade» é que estavam a obter os aplausos e a admiração que lhes caberiam, ao apreciarem e exibirem a indumentária que ali enjeitavam!

Despertada enfim a consciência dos próprios valores nos meios rurais, o desbarato das peças foi travado, e as que conservaram são hoje, de novo, patenteadas à cabeça dos grupos vindos d'aqui e d'além⁴, nos desfiles, nos cortejos, nos arraiais diversos.

Do movimento desenvolvido em prol do traje há que salientar mais uma vantagem — noutro campo. É que, cumprida a sua missão bairrista, a rapariga da cidade continuou a interessar-se pelo fato regional. Transmitiu esse interesse às filhas, que por sua vez ingressam nos cortejos actuais a par das raparigas dos arredores. E que procuram «saber coisas» sobre o assunto. Hoje as mordomas novas

⁴ Ao lançar em 1923 o seu livro sobre o nosso traje, numa chamada de atenção, num «apelo da undécima hora» que, sem dúvida, foi frutuoso, Cláudio Basto estuda principalmente o fato «à lavradeira». Mas não esquece o de mordoma, classificando-o no entanto de «infeliz» devido ao desprezo a que era ainda votado — e que lhe parecia, injusto embora, porventura inabalável. De facto, quantos anos decorreram até que voltassem a prezá-lo!

Antigo traje do Minho (*Ancien costume du Minho*)



(Reprodução fotográfica de Manuel Fontes)

mostram vaidosamente o «fato das velhas»... preferem-no, até, aos mais álacres!⁵

Quanto aos fatos «à lavradeira», a par dos compridos, dos deveras velhos, surgem os recentes, cada vez mais curtos (sem subir ao nível da mini-saia, a parte listrada das saís chega não raro a pouco exceder, em altura, a altura das barras..., cada vez mais ornamentadas, mormente nas «silvas»).

Mas o inato bom gosto da minhota saberá sempre obstar a excessos teatrais nesse ponto — esperemos. Quanto à evolução, desde que ela não apague as características fundamentais do traje —, que continui. Sempre existiu. E ainda bem. Traduz interesse. É um sinal de vida!

⁵ Das Festas da Agonia deste ano de 1979 registe-se uma nota muito curiosa: a pé, no cortejo, com belos fatos antigos, ia de novo um grupo de «meninas» dos cortejos de há anos — algumas já com filhas no carro das crianças — das famílias Alpuim, Norton, Couto Braga e outras ...

... Hoje,
as mordomas novas
mostram vaidosamente
o «fato das velhas»

(M. Camila de Vasconcelos)

